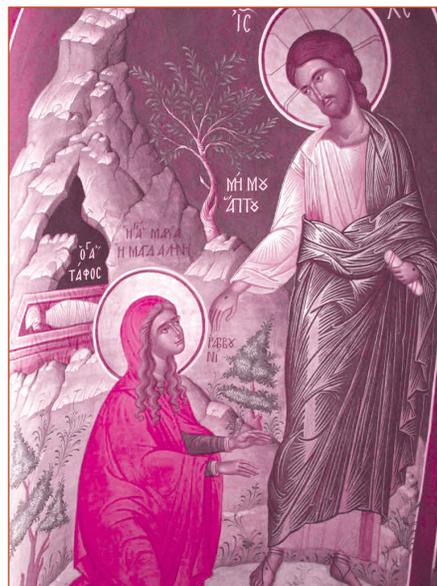


# A festa de Maria Madalena

## a propósito do formulário litúrgico

REGINALDO VELOSO

PENHA CARPANEDO, PDDM



O decreto emitido pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos em 3 de junho de 2016, a pedido do papa Francisco, elevando à categoria de festa a memória de Maria Madalena, celebrada no dia 22 de julho, determinou que os textos a serem usados, tanto na Missa como no Ofício Divino, devem permanecer os mesmos já contidos no Missal, na Liturgia das Horas e no martirologio. Esses textos, agora mantidos, haviam sido revistos pelo Concílio Vaticano II, ocasião em que Paulo VI, saindo em defesa de Maria Madalena, corrigiu os equívocos a respeito da sua identidade e propôs uma profunda reforma no formulário litúrgico em sua memória.

### O que mudou em relação à versão pré-conciliar

Neste novo formulário, o texto da pecadora anônima de Lucas 7,36-50, indicado no Missal anterior, foi substituído pelo relato de João 20,11-18, que narra o encontro de Madalena com o Ressuscitado, no primeiro dia depois do sábado:

<sup>11</sup>Maria estava do lado de fora do túmulo, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se e olhou para dentro do túmulo. <sup>12</sup>Viu, então, dois anjos vestidos de branco, sentados onde tinha sido posto o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. <sup>13</sup>Os anjos perguntaram: 'Mulher, por que choras?'. Ela respondeu: 'Levaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram'. <sup>14</sup>Tendo dito isto, Maria voltou-se para trás e viu Jesus, de pé. Mas não sabia que era Jesus. <sup>15</sup>Jesus perguntou-lhe: 'Mulher, por que choras? A quem procuras?' Pensando que era o jardineiro, Maria

disse: 'Senhor, se foste tu que o levaste diz-me onde o colocaste, e eu o irei buscar'. <sup>16</sup>Então Jesus disse: 'Maria!' Ela voltou-se e exclamou, em hebraico: 'Rabuni' (que quer dizer: Mestre). <sup>17</sup>Jesus disse: 'Não me segures. Ainda não subi para junto do Pai. Mas vai dizer aos meus irmãos: subo para junto do meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus'. <sup>18</sup>Então Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: 'Eu vi o Senhor!', e contou o que Jesus lhe tinha dito<sup>1</sup>

Para a primeira leitura, no lugar de Sabedoria 3,2-5, foi indicado o Cântico dos Cânticos 3,1-4a:

Eis o que diz a noiva: <sup>1</sup>Em meu leito, durante a noite, busquei o amor de minha vida: procurei-o, e não o encontrei. <sup>2</sup>Vou levantar-me e percorrer a cidade, procurando pelas ruas e praças, o amor de minha vida: procurei-o, e não o encontrei. <sup>3</sup>Encontraram-me os guardas que faziam a ronda pela cidade. "Vistes por ventura o amor de minha vida?" <sup>4a</sup>E logo que passei por eles, encontrei o amor de minha vida<sup>2</sup>.

O salmo 45(44) cedeu lugar ao salmo 63(62):

### A minh'alma tem sede de vós, tal como a terra sedenta, ó meu Deus.

<sup>2</sup>Sois vós, ó Senhor, o meu Deus!  
Desde a aurora ansioso vos busco!  
A minh'alma tem sede de vós, +  
minha carne também vos deseja,  
como terra sedenta e sem água!

<sup>3</sup>Venho, assim, contemplar-vos no templo,  
para ver vossa glória e poder.

<sup>4</sup>Vosso amor vale mais do que a vida:  
e por isso meus lábios vos louvam.

<sup>5</sup>Quero, pois vos louvar pela vida,  
e elevar para vós minhas mãos!

<sup>6</sup>A minh'alma será saciada,

como em grande banquete de festa;  
cantará a alegria em meus lábios,  
ao cantar para vós meu louvor!  
<sup>8</sup>Para mim fostes sempre um socorro;  
de vossas asas à sombra eu exulto!  
<sup>9</sup>Minha alma se agarra em vós;  
com poder vossa mão me sustenta<sup>3</sup>.

Maria Madalena, nos sinóticos, vai ao túmulo acompanhada de outras mulheres; no relato de João, porém, ela vai sozinha, o que faz “bem de madrugada, quando ainda estava escuro”. O evangelista segue a narrativa afirmando: “e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. Então ela saiu correndo e foi encontrar Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava”<sup>4</sup>. Na sequência, os dois vão ao túmulo, observam e voltam para casa. Madalena permanece. Nos versículos 11-18, João relata o seu encontro com o ressuscitado e o encargo que Ele lhe confia de levar a boa-nova aos apóstolos.

Esse evangelho associa Maria Madalena à Sulamita do Cântico dos Cânticos, que procura o Amado no meio da noite, o que justifica a escolha de Ct 3,1-4 como primeira leitura e do salmo 63(62), o qual, já na primeira frase, faz ponte com a primeira leitura e com o Evangelho: “Meu Senhor eu te procuro, desde a escura madrugada”.

À luz desses textos foram revistas orações e antifonas da Missa e do Ofício, focando Maria Madalena como a discipula amada, testemunha da paixão, do sepultamento e da ressurreição do Senhor. Eis os textos da Missa:

**Antífona de entrada:** O Senhor disse a Maria Madalena: Vai a meus irmãos e anuncia-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus<sup>5</sup>.

**Oração do dia:** Ó Deus, o vosso Filho confiou a Maria Madalena o primeiro anúncio da alegria pascal; dai-nos, por suas preces e a seu exemplo, anunciar também que o Cristo vive e contemplá-lo na glória de seu Reino<sup>6</sup>.

**Sobre as oferendas:** Recebei, ó Pai, as oferendas que vos apresentamos na festa de Santa Maria Madalena, cuja demonstração de amor vosso Filho acolheu com misericordiosa bondade<sup>7</sup>.

**Antífona de comunhão:** O amor de Cristo nos impele, para que os que vivem já não vivam para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou<sup>8</sup>.

**Depois da comunhão:** Ó Deus, a comunhão nos vossos mistérios infunde em nós aquele amor perseverante que levou Maria Madalena a jamais separar-se do Mestre<sup>9</sup>.

A esse formulário já existente a partir do Concílio Vaticano II, foi anexado, com o decreto de 2016, e “dada a peculiaridade da santa”<sup>10</sup>, um prefácio próprio, com a recomendação, a cada Conferência Episcopal, de que fosse traduzido e incluído na próxima reedição de seus respectivos missais. Esse novo prefácio<sup>11</sup> está perfeitamente alinhado com os demais textos e profundamente iluminado pela luz pascal do encontro de Madalena com o seu mestre e Senhor. Eis o texto, em tradução ainda provisória:<sup>12</sup>

Pai onipotente e rico em misericórdia, é verdadeiramente digno e justo, nosso dever e salvação, louvar-Vos sempre e em toda a parte por Cristo Nosso Senhor. Aparecendo Jesus a Maria Madalena no jardim, Ela que tanto o amara quando era vivo, viu-O morrer na cruz, procurou-O no sepulcro; e foi a primeira a adorá-Lo depois de ressuscitar dos mortos. Diante dos Apóstolos foi honrada com a missão do apostolado, para que o alegre anúncio da vida nova chegasse até aos confins da terra. Por isso, com todos os Anjos e Santos, nós Vos louvamos, dizendo (cantando) com alegria [...].

Quanto à **reforma do breviário**, foram suprimidos os qualificativos “penitente” e “pecadora”, estigmas que foram acentuados, em muito, a partir da Contrarreforma. De outra forma, foi apresentado um formulário alinhado com a verdadeira identidade da Madalena, imagem da Igreja esposa, discipula amada e apóstola.

Na p. 28 desta edição, apresentamos o ofício completo para a festa de Maria Madalena, juntando o formulário da Liturgia das Horas previsto para o dia 22 de julho, com textos do Ofício Divino das Comunidades.

### **Justificativa para as mudanças no formulário**

No comentário que faz ao novo prefácio, o atual prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Arthur Roche, justifica:

diferente da Igreja do Oriente, que desde o século X venera no dia 22 de julho Maria Madalena, a Mirófora, a Igreja do Ocidente, seguindo a interpretação de São Gregório Magno, tratou como sendo uma única pessoa três mulheres diferentes: Maria Madalena, a pecadora anônima e Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro. E com este perfil a memória litúrgica do dia 22

de julho passou a ser celebrada em Roma desde o séc. XI, e por toda parte no século XII<sup>13</sup>.

Foi a reforma litúrgica após o Vaticano II que fez a distinção entre as três mulheres<sup>14</sup>, as quais, na Igreja ortodoxa, são lembradas em datas diferentes, reservando o dia 22 de julho tão somente para a memória de Maria Madalena, a discípula amada portadora de perfumes, a apóstola dos apóstolos. Assim, em seu movimento de volta às fontes, o Concílio Vaticano II reabilitou a figura de Maria Madalena conforme a mais antiga tradição da Igreja.

De fato, a pecadora anônima, que na casa de Simão banha os pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos, não é Maria Madalena, que nos Evangelhos, é sempre citada pelo nome. Tampouco pode ser confundida com Maria de Betânia, que unge os pés de Jesus e deixa toda a casa perfumada<sup>15</sup>. A origem de Maria Madalena é Magdala, uma cidade da Galileia.

Lucas, no seu evangelho, registra que Maria Madalena foi curada de sete demônios. Esse número de totalidade quer dizer que era uma situação de extrema gravidade, uma doença física ou um transtorno psíquico, não uma situação de ordem moral. Em nenhum lugar do evangelho se diz que ela era pecadora. Doente, sim, e Jesus a curou. Portanto, ela tinha uma dívida eterna em relação a Jesus, estava ligada à sua pessoa de maneira indissolúvel, assim como as outras mulheres discípulas curadas e profundamente marcadas pelo encontro com Jesus<sup>16</sup>.

Há um discipulado feminino, nada comum naquele tempo, que se mantém fiel mesmo no tempo da prova mais dura. Mateus anota que diante da cruz “estavam muitas mulheres que haviam acompanhado e servido Jesus desde a Galileia”<sup>17</sup>. Este grupo estável de discípulas mulheres vive o discipulado em pé de igualdade com os Doze. Lucas narra que Jesus “percorria cidades e povoados pregando e anunciando a boa-nova do reino de Deus. Os Doze iam com ele e algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos maus e de doenças: Maria Madalena, da qual tinham saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes, Susana e muitas outras que serviam Jesus com os seus bens”<sup>18</sup>. Segundo Wilma Steagall de Tommaso,

essa é uma importante informação, pois o fato de mulheres disporem de seus recursos tem um significado de peso. Elas não faziam parte do grupo que seguia Jesus para realizarem tarefas como cozinhar, cuidar das roupas e outros ser-

viços domésticos. As mulheres seguiam Jesus porque eram também discípulas<sup>19</sup>.

Foram elas que estiveram presentes na cruz quando os discípulos fugiram<sup>20</sup>, que compareceram ao sepultamento<sup>21</sup>, que foram de madrugada ao túmulo para ungir o corpo do Senhor assim que findou o repouso sabático. E foram elas as primeiras testemunhas do túmulo vazio<sup>22</sup> e das manifestações do Ressuscitado<sup>23</sup>. Madalena é a mulher mais citada pelo nome, sempre em primeiro lugar na lista dessas mulheres, cedendo essa posição tão somente para a Mãe de Jesus<sup>24</sup>.

Como já foi dito acima, no relato de João 20,11-18, Maria vai sozinha ao túmulo. Nesse encontro a sós, Madalena representa a comunidade esposa em seu itinerário de fé, a nova Eva, segundo os pais da Igreja. Se Maria, a Mãe de Jesus, representa, aos pés da cruz, a nova Eva em seu aspecto maternal<sup>25</sup>, Maria Madalena, no jardim da Ressurreição, a representa em seu aspecto conjugal<sup>26</sup>. É a esposa do Cântico dos Cânticos, impaciente na busca do amado, imagem da comunidade redimida, da nova humanidade renascida da Páscoa, no primeiro dia da nova criação.

Já no século III, o bispo Hipólito de Roma a associa à Sulamita do Cântico dos Cânticos. Segundo ele, a amada que busca o seu amado é Maria Madalena, a portadora de perfumes, que foi à procura de Cristo no horto<sup>27</sup>. É Hipólito, também, no comentário que faz ao Cântico dos Cânticos, que lhe dá o título de apóstola dos apóstolos, por ser a primeira a testemunhar a ressurreição:

Não me toques, porque ainda não subi para meu pai. Ó santa mulher que agarraste os pés do Senhor para que te carregasse para o Pai! É uma nova raça que ele carregará: Eva que não mais vagueia, mas se apodera da árvore da vida com todas as suas forças. Depois disso, Cristo a envia como apóstola aos apóstolos. Ó reversão maravilhosa: Eva torna-se apóstola<sup>28</sup>.

A associação que Hipólito faz de Madalena com a esposa do Cântico dos Cânticos perdura até hoje. Porém, o título que reconheceu a importância de Maria Madalena na comunidade cristã como apóstola dos apóstolos ficou totalmente esquecido, apesar de comentaristas posteriores também a elogiarem dessa forma<sup>29</sup>, como foi o caso de São Beda, no século VII, e de São Tomás de Aquino, no século XII. Esse título cedeu lugar para o de “segunda Eva”, reforçando o seu papel posterior como símbolo de pecado e de penitência, resultado da astúcia da primeira Eva<sup>30</sup>.

O grande silêncio que caiu sobre Maria Madalena depois da ressurreição<sup>31</sup>, a confusão em torno de sua verdadeira identidade, as inúmeras interpretações a respeito da sua vida ao longo da história da Igreja e para além dela, não foram suficientes para desautorizá-la como discípula que amou a Cristo e que foi amada por Ele, figura iluminada pela Páscoa, apóstola dos apóstolos.

A decisão de modificar o rito da Igreja, primeiro revisando o formulário litúrgico e reservando o dia 22 de julho tão somente para a sua memória e, mais recentemente, elevando a sua celebração à categoria de festa com a inclusão do prefácio, tem grande importância para a vida cristã. A liturgia é a norma da fé, é a teologia primeira, é nela que expressamos o que cremos e é ela que sempre de novo nos lembra quem somos. O povo das comunidades em grande parte, não frequenta uma escola de teologia ou um curso bíblico. É na liturgia que escuta a Palavra proclamada, seja a partir das Escrituras, seja cantando um hino, seja ouvindo uma oração. O modo de celebrar modifica o modo de pensar e de agir da Igreja. A esperança é que o novo formulário, fiel à tradição primeira da Igreja, a respeito de Maria Madalena, vá, aos poucos, mudando o nosso pensar sobre essa tão importante testemunha da páscoa, e sobretudo, contribua para inspirarmos nela a nossa vida no seguimento de Jesus, o Filho de Deus.

---

<sup>1</sup> MISSAL cotidiano: missal da assembleia cristã. São Paulo: Paulus, 1985. p. 1685-1686.

<sup>2</sup> Ibid., p. 1684.

<sup>3</sup> Ibid., p. 1684-1685.

<sup>4</sup> João 20,1. apud MISSAL, op. cit., p. 1685.

<sup>5</sup> Ibid., p. 1684.

<sup>6</sup> Ibid., p. 1684.

<sup>7</sup> Ibid., p. 1686.

<sup>8</sup> Ibid., p. 1686.

<sup>9</sup> Ibid., p. 1686.

<sup>10</sup> ROCHE, Arthur. Il Nuovo prefazio di Santa Maria Maddalena. In: VICARIATO DI ROMA: ufficio litúrgico. *Newsletter Culmine e Fonte n. 6/2016 articoli*. Roma: Vicariato di Roma: ufficio litúrgico, c2011. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.ufficioliturgoroma.it/default.asp?iID=HDMIMD&item=HDMMFG>. Acesso em: 4 jun. 2021.

<sup>11</sup> Antes do Concílio, os prefácios de origem hispânica, ambrosiana e franca, em honra de Maria Madalena, consideravam como única pessoa Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora anônima do capítulo 7 do Evangelho de Lucas. Com esta confusão este prefácio aparece no missal Ambrosiano, até a reforma pós-conciliar, quando então o texto passou por mudança para se adequar ao que fora estabelecido pelo Concílio. Cf. ROCHE, op. cit.

<sup>12</sup> No Brasil, o texto traduzido para o nosso português ainda não está aprovado, por isso o que transcrevemos aqui é o texto em português de Portugal, que tomamos de: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *S. Maria Madalena (Festa)*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, [2021]. Disponível em: [https://www.liturgia.pt/noticias/noticia\\_v.php?cod\\_noticia=249](https://www.liturgia.pt/noticias/noticia_v.php?cod_noticia=249). Acesso em 4 jun. 2021.

<sup>13</sup> ROCHE, op. cit. Tradução nossa.

<sup>14</sup> Essa distinção se completou quando o papa Francisco incluiu a memória dos irmãos de Betânia, Maria e Lázaro, junto com a memória de Marta, no dia 29 de julho.

<sup>15</sup> Cf. João 12,1-8.

<sup>16</sup> Cf. Lucas 8,2.

<sup>17</sup> Mateus 27,55; cf. também Mc 15,40-41 e Lc 23,49.

<sup>18</sup> Lucas 8,1-3.

<sup>19</sup> TOMMASO, Wilma Steagall de. *Maria Madalena, história, tradição e lendas*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 32.

<sup>20</sup> Mateus 27,55-56; Marcos 15,40-41; Lucas 23,49; João 19,25.

<sup>21</sup> Mateus 27,61; Marcos 15,47; Lucas 23,55.

<sup>22</sup> Mateus 27,1-7; Marcos 16,2-7; Lucas 24,1-8.

<sup>23</sup> Mateus 28,9-10; Marcos 16,9-11; João 20,11-17.

<sup>24</sup> João 19,25.

<sup>25</sup> Gênesis 3,20.

<sup>26</sup> Gênesis 3,23-24. Cf. SCHÖKEL, Luis Alonso (ed.) *Bíblia do peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002. Notas aos vv.11-18 do capítulo 20 do Evangelho de João.

<sup>27</sup> Cf. HASKINS, Susan. *Maria Magdalena: mito y metáfora*. Barcelona: Herder, 1998, p. 85.

<sup>28</sup> HIPÓLITO de Roma. *Comentário ao Cântico dos Cânticos 26, 6-10 (trechos)* apud PAROISSE STE MARIE-MADELEINE À ST-MAXIMIN-LA-STE-BAUME. *Peres de l'église (textes)*. St-Maximin-la-Ste-Baume: Paroisse Ste Marie-Madeleine à St-Maximin-la-Ste-Baume, [2021], p. 12-13. Tradução nossa. Disponível em: <http://www.mariemadeleine.fr/wp-content/uploads/2018/11/Peresdeleglise.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021. O material reproduz e analisa textos da tradição patrística relativos a Maria Madalena publicados no Supplément 138, dos *Cahiers Évangiles*, em dezembro de 2006.

<sup>29</sup> Cf. HASKINS, op. cit., p. 88-89.

<sup>30</sup> Ibid. p. 89.

<sup>31</sup> Depois da Ressurreição, Maria Madalena simplesmente desaparece do cenário. Os Atos não a citam mais, nem mesmo no cenáculo, após a Ascensão de Jesus. Tampouco Paulo. Em 1Coríntios 15,3-8, ele escreve: "Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras, e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras, apareceu a Cefas e depois aos Doze; a seguir apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez: a maioria vive e alguns já morreram; em seguida, apareceu a Tiago e depois a todos os apóstolos. Por último apareceu a mim que sou como um aborto". Nenhuma palavra sobre as mulheres testemunhas da ressurreição.